

PODER POBREZA FOME

FATOS DO SISTEMA ALIMENTAR 2022



IMPRESSÃO

A publicação Poder Pobreza Fome 2022 foi editada pela Fundação Heinrich Böll Brasil.

A versão original (em alemão e em inglês) foi publicada em 2021 e é o resultado da cooperação entre a Heinrich Böll Stiftung e a TMG Research.

A versão brasileira inclui artigos originais adaptados e originais de autores brasileiros.

Editores da versão alemã e internacional: Christine Chemnitz, Inka Dewitz (Heinrich Böll Foundation) e Jes Weigelt (TMG Research)

Gerenciamento de projetos e pesquisa para infográficos na versão alemã e internacional: Heike Holdinghausen

Diretor de arte e infográficos na versão alemã e internacional: Ellen Stockmar

Diretora da Fundação Heinrich Böll no Brasil: Annette von Schönfeld

Organização da edição brasileira: Joana Simoni

Adaptação e revisão dos artigos e infográficos: Joana Simoni

Revisão editorial: Annette von Schönfeld, Joana Simoni, Manoela Vianna e Emilia Jomalinis

Tradução da versão em português: Larissa A. Stoner

Diagramação e criação de infográficos dos artigos brasileiros: Domingos Sávio

Autores e colaboradores: Christine Chemnitz, Jes Weigelt, Jonas Luckmann, Olesya Luckmann, Ali Nabil, Inka Dewitz, Joana Simoni, Emilia Jomalinis e José Raimundo Sousa Ribeiro Junior.

As opiniões expressas não refletem necessariamente as das organizações parceiras.

Responsabilidade editorial (V. i. S. d. P.): Annette Maennel, Heinrich Böll Foundation

1ª edição, setembro de 2021

Este material está licenciado sob a Licença Creative Commons "Atribuição 4.0 Internacional" (CC BY 4.0). Para obter o contrato de licença, consulte <https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/legalcode>. Para obter um resumo (não um substituto), consulte <https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/deed.de>. Você pode usar os infográficos individuais neste livreto para seus próprios fins se o aviso de direitos autorais Holdinghausen / Stockmar, CC BY 4.0 aparecer próximo ao gráfico (para adaptações: Holdinghausen/Stockmar (M), CC BY 4.0.), para os gráficos das páginas 6, 7, 8, 9, 10, 11, 12 e 13 e Domingos Sávio/CC-BY-4.0, para os gráficos das páginas 14 e 15 (Luis Prado/thenounproject.com), 16 (Shirley Hernández Ticona, iconixar, Georgiana Ionescu, Gerardo Martín Martínez/thenounproject.com) e 17 (Candy Design e Adrien Coquet/thenounproject.com).

PEDIDOS E DOWNLOADS

Fundação Heinrich Böll, Escritório Rio de Janeiro, Rua da Glória 190/701, Glória, CEP 20241 180

Rio de Janeiro, Brasil, Tel. +55 21 3221 9900, info@br.boell.org, www.br.boell.org

Visite a página especial no site da Fundação – www.br.boell.org – com mais conteúdos sobre o tema.

PODER POBREZA FOME

FATOS DO SISTEMA ALIMENTAR

CONTEÚDO

5 **PREFÁCIO**

6 **CRISE POR UM FUTURO SEM FOME**

Desde 2017, o número de pessoas com fome no mundo voltou a crescer. A pobreza, guerras e desastres naturais ameaçam a segurança alimentar especialmente na África e no sul da Ásia

8 **GUERRA CONFLITOS ALIMENTAM A FOME, A FOME ALIMENTA O CONFLITO**

Grupos em guerra expulsam pessoas de suas terras, matam gado e danificam plantações. A guerra pode destruir a infraestrutura e as redes de transporte, desorganizar os mercados e empurrar os preços dos alimentos para cima. Os conflitos são uma das principais causas da fome, mas a falta de acesso a alimentos também pode ser uma causa da guerra.

10 **DESNUTRIÇÃO PASSANDO FOME E CONSUMINDO MUITOS ULTRAPROCESSADOS**

A desnutrição está aumentando em todo o mundo. Uma alimentação em quantidade insuficiente pode fragilizar o desenvolvimento da primeira infância, ao mesmo tempo em que uma dieta rica em açúcar e gordura pode causar doenças cardiovasculares ou diabetes.

12 **PODER COMÉRCIO DE ALIMENTOS, UM GRANDE NEGÓCIO**

Desde a questão fundiária ao fornecimento de sementes e o varejo de alimentos: as cadeias de valor dos alimentos são marcadas pela concentração em poucas mãos. O desequilíbrio de poder entre grandes empresas, pequenos proprietários e consumidores resulta em desnutrição.

14 **POBREZA TRABALHO, POBREZA E FOME: EXPRESSÕES DA DESIGUALDADE NO BRASIL**

A fome é uma das expressões da desigualdade que historicamente caracteriza a sociedade brasileira. Mesmo produzindo alimentos em quantidade suficiente para alimentar toda a população, a reprodução da pobreza impede que milhões de brasileiros tenham acesso à alimentação saudável.

16 **DESIGUALDADES NO BRASIL, A FOME TEM COR, GÊNERO E ENDEREÇO**

As desigualdades alimentares, parte de um quadro perverso de desigualdades na população brasileira, recrudesceram nos últimos anos. Em um contexto de retrocessos em políticas socioambientais e de apoio à agricultura familiar, a população negra e as mulheres são as mais atingidas.

18 **PANDEMIA AGRAVANDO A DESIGUALDADE ALIMENTAR NO BRASIL**

Durante a pandemia da COVID-19, o tema da fome no Brasil está “na boca do povo”. Ou melhor, não está: notícias sobre o aumento nos índices relacionados à fome e à insegurança alimentar e nutricional surgem a todo momento, além daquelas que afirmam o que boa parte da população experimenta cotidianamente: o aumento de preços dos alimentos e, paralelamente, da pobreza.

20 **AUTORES, FONTES DE DADOS E GRÁFICOS**

EDIÇÃO BRASILEIRA

PREFÁCIO

O relatório “O Estado da Insegurança Alimentar e Nutrição no Mundo 2021”, da Organização das Nações Unidas (ONU), estimou que até 811 milhões de pessoas em todo o planeta – cerca de um décimo da população global – estava subalimentada em 2020. Esse ano foi, também, o primeiro ano da Pandemia de Covid-19, que agravou – mas não causou – este cenário.

Foi na América Latina onde o número de pessoas passando fome mais cresceu – e esses números vêm piorando há seis anos consecutivos. Os dados mais recentes apontam que 4 em cada 10 pessoas da região da América Latina não disfrutaram de uma dieta adequada e saudável todos os dias. No Brasil, o caso é especialmente preocupante: dados da Rede Penssan apontam para um retrocesso de décadas: em 2022, são cerca de 33 milhões de pessoas passando fome (cerca de 15% da população brasileira). Esse número expressa um crescimento de aproximadamente 75% em relação ao Inquérito anterior, realizado em 2020, quando eram 19 milhões de brasileiros que estavam nessa situação.

Há muitas desigualdades por trás deste cenário da fome: ela atinge mais as mulheres que os homens, atinge mais os países em guerra e a população negra, está mais presente em localidades pobres ou com conflitos. A fome e a insegurança alimentar têm causas sociais e políticas e também está associada à injustiça ambiental e climática.

Assim, esta publicação tem como objetivo apresentar dados e reflexões a respeito deste tema no Brasil e no mundo, fomentando um debate que analise as múltiplas causas e nuances da fome e da desnutrição e como a desigualdade social

e a injusta concentração de poder na nossa sociedade estão intrinsecamente ligadas a essas questões. Mais que um subproduto dos sistemas alimentares vigentes, a falta de acesso à alimentação saudável por todos é uma consequência direta da forma que esses sistemas são organizados e dos interesses que os sustentam.

Em 2021, aconteceu a Cúpula de Sistemas Alimentares das Nações Unidas de 2021 – foi a primeira vez na história das Nações Unidas, que uma cúpula se dedicou exclusivamente a refletir sobre os nossos sistemas alimentares. No entanto, os desdobramentos de tal evento foram criticados por setores da sociedade civil, que apontam para um favorecimento de soluções tecnológicas corporativas, por um lado, e para o menosprezo de soluções que passem pelo fortalecimento da agroecologia, da agricultura orgânica e camponesa e pelo respeito ao conhecimento dos povos indígenas e povos e comunidades tradicionais, por outro.

Uma mudança no nosso sistema alimentar – caminho necessário para o direito à alimentação e nutrição saudável para todos – passa, necessariamente, pelo fortalecimento de políticas que levem em consideração tais conhecimentos, que escutem as vozes daqueles mais afetados pelas desigualdades por trás desse sistema e que leve em conta, também, a proteção da biodiversidade e do clima. Esperamos que a leitura desse material suscite reflexões que colaborem na caminhada rumo a sistemas alimentares mais justos e sustentáveis.

Annette von Schönfeld
Joana Simoni
Fundação Heinrich Böll

CRISE

POR UM FUTURO SEM FOME

Desde 2017, o número de pessoas com fome no mundo voltou a crescer. A pobreza, guerras e desastres naturais ameaçam a segurança alimentar especialmente na África e no sul da Ásia

Em 2015, a comunidade mundial estabeleceu para si mesma a meta de erradicar a fome e todas as formas de desnutrição até 2030. Mas números da Organização das Nações Unidas para Agricultura e Alimentação (FAO) contam uma história diferente. Desde 2017, a fome e a desnutrição vêm aumentando. Em 2020, 768 milhões de pessoas tinham muito pouco para comer – quase 10% da população mundial. Uma das principais razões para isso é a pobreza. Cerca de 1,8 bilhões de pessoas em todo o mundo vivem na pobreza e têm que sobreviver com menos de 3,20 dólares americanos por dia. Quase 700 milhões estão sujeitos à pobreza extrema, vivendo com menos de 1,90 dólares americanos por dia.

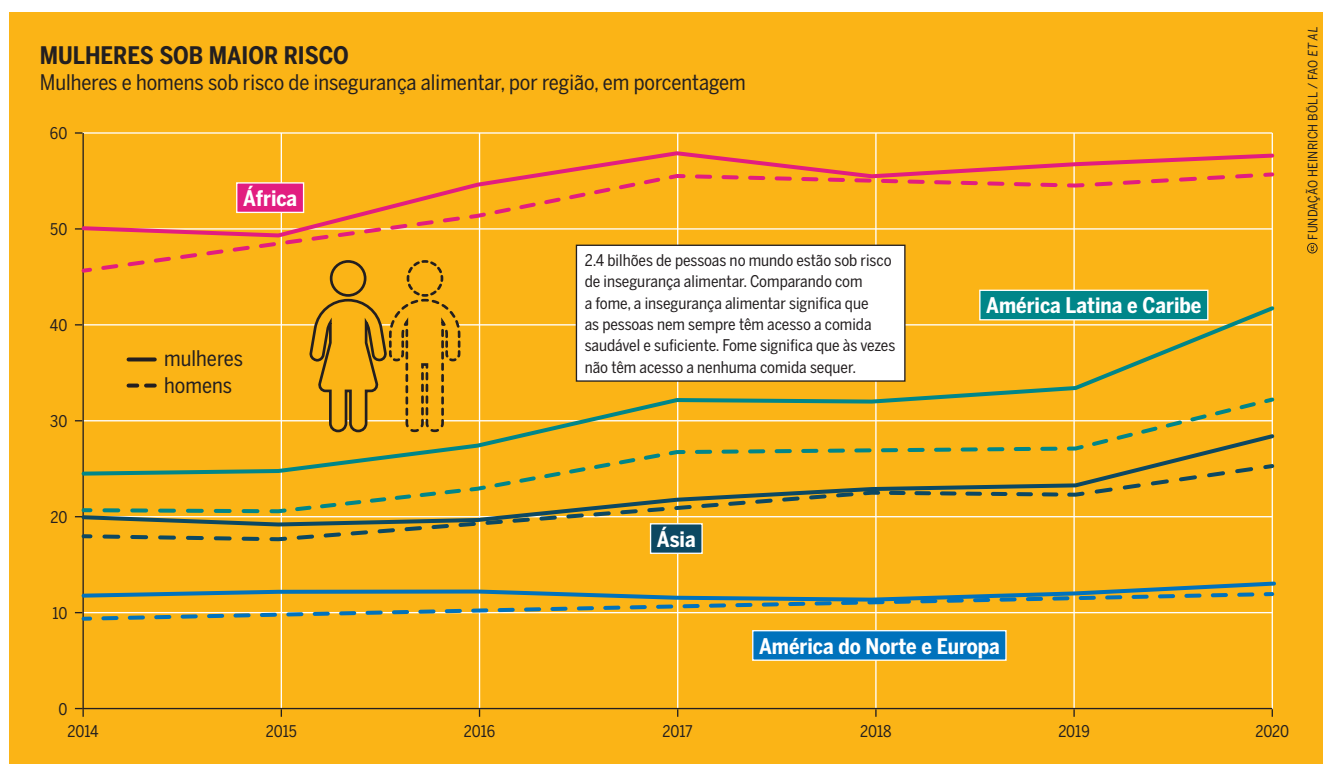
A pandemia do coronavírus exacerbou essa situação. O Banco Mundial estima que quase 100 milhões de pessoas caíram na pobreza como resultado da COVID-19, um aumento de 12% entre 2019 e 2020. A pandemia causou uma desaceleração econômica global, levando a graves perdas de renda em muitos países e agravando a pobreza.

Enquanto a população dos países desenvolvidos gasta uma proporção cada vez menor de sua renda com alimentos, as famílias pobres no Sul Global ainda precisam dedicar a maior parte de sua renda à alimentação. O aumento

dos preços dos alimentos é, portanto, uma ameaça aguda à segurança alimentar. O índice de preços de alimentos da FAO tem aumentado continuamente. Em comparação com 2020, é cerca de 30% maior em 2021.

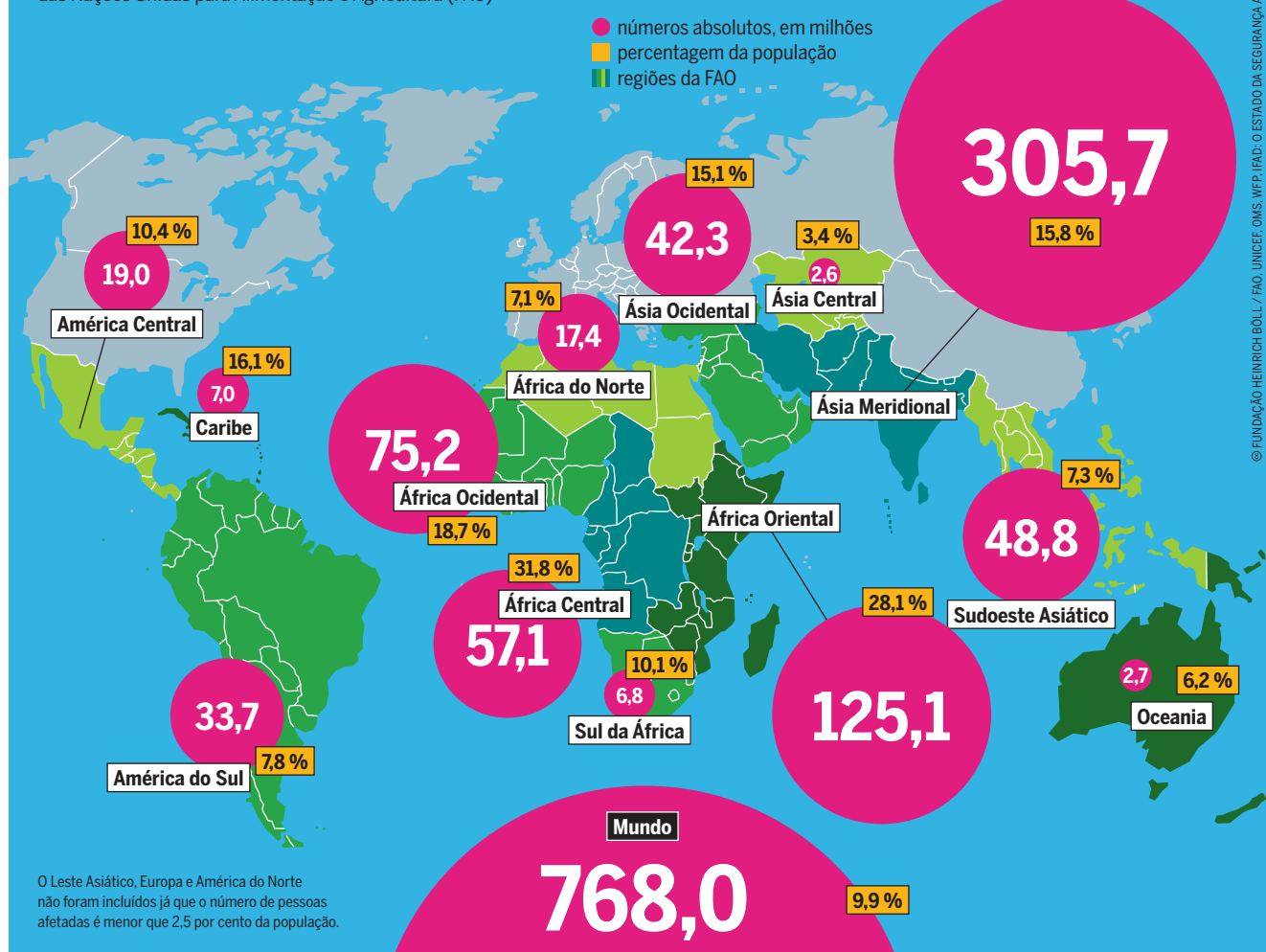
A maioria das pessoas pobres vive em áreas rurais e vive da agricultura. Em muitos países do Sul Global, mais de 50% das pessoas trabalham na agricultura, o que lhes fornece alimentos e trabalho – é por isso que as pequenas propriedades agrícolas continuarão a ser centrais na luta contra a pobreza. Mas a situação dos pobres urbanos também é uma preocupação crescente. Enquanto menos de 40% da humanidade vivia em cidades em 1980, em 2020 esse número era superior a 56%. Isso significa que as cidades também devem fazer parte de uma estratégia profunda de combate à fome e que a agricultura urbana, por exemplo, deve ser promovida. As iniciativas locais na agricultura urbana geram empregos na produção, processamento e comercialização e

A insegurança alimentar é uma ameaça para grande parte da população mundial. No entanto, esses números não são amplamente conhecidos e raramente aparecem nas comunicações oficiais



PANELA VAZIA

Pessoas com fome em 2020, por região, agrupados pela Organização das Nações Unidas para Alimentação e Agricultura (FAO)



são especialmente úteis para melhorar as oportunidades de renda para as mulheres.

Em 2021, a FAO enfatizou que a fome é causada essencialmente pela pobreza e pela desigualdade. Combater a fome significa combater a desigualdade também. Os direitos fundiários dos grupos vulneráveis devem ser reconhecidos e garantidos. Isso os protege contra a pobreza crônica e permite investimentos no uso sustentável da terra. O investimento de longo prazo em medidas de adaptação ao clima também se torna benéfico para os pequenos proprietários se a posse da terra for assegurada. É especialmente importante que as mulheres tenham acesso seguro à terra. O combate à desigualdade também é necessário dentro da família: a igualdade geralmente tem um impacto positivo na segurança alimentar da família e no bem-estar das crianças.

As pessoas que vivem na pobreza são menos resilientes do que as que vivem em situação melhor. Elas são menos capazes de reagir a crises econômicas ou ecológicas agudas, e isso deve ser destacado porque a frequência e a intensidade das crises ecológicas aumentaram muito. Desde 1960, o número de desastres naturais em todo o mundo aumentou dez vezes. Para milhões de pessoas em todo o mundo, a mudança climática traz inundações, secas e tempestades cada vez mais frequentes e graves, que respondem por 90% de todos os desastres relacionados ao clima a cada ano.

Desde a última pesquisa em 2019, a proporção de pessoas que sofrem com subnutrição aumentou de 8,4 para 9,9 por cento

Cerca de um bilhão de pessoas vivem em países, principalmente do Sul Global, onde as estruturas oficiais não estão em condições para fazer frente às crises ecológicas previstas até 2050. Para lidar com os desafios das mudanças climáticas, abordagens sistêmicas como a agroecologia, com uma visão holística da agricultura e da produção de alimentos, são necessárias. Para se preparar para o impacto da crise climática, não é suficiente se concentrar apenas em elementos isolados da produção agrícola, como o desenvolvimento de variedades de culturas tolerantes à seca.

As crises econômicas e ecológicas geralmente são agravadas por conflitos violentos. Em muitos países, essas crises ocorrem concomitantemente. A comunidade mundial só poderá, portanto, combater com sucesso a fome e a desnutrição se aumentar a capacidade dos grupos vulneráveis de responder às crises e garantir seu acesso aos alimentos. Um foco apenas na produtividade agrícola não será suficiente. As políticas contra a fome só podem ter sucesso se fortalecerem a resiliência de todos os povos. ●

GUERRA

CONFLITOS ALIMENTAM A FOME, A FOME ALIMENTA O CONFLITO

Grupos em guerra expulsam pessoas de suas terras, matam gado e danificam plantações. A guerra pode destruir a infraestrutura e as redes de transporte, desorganizar os mercados e empurrar os preços dos alimentos para cima. Os conflitos são uma das principais causas da fome, mas a falta de acesso a alimentos também pode ser uma causa da guerra.

Os conflitos violentos são uma das principais causas da desnutrição em todo o mundo. Em 2019, os conflitos foram o estopim de seis das dez piores crises alimentares, e todos os países que passaram fome em 2020 foram afetados por conflitos violentos. Na África, foram Burkina Faso, Congo, República Democrática do Congo, Etiópia, Nigéria, Sudão do Sul e Sudão; no Oriente Médio, Iraque, Palestina, Síria e Iêmen; na Ásia Central, Afeganistão e regiões de conflito em Bangladesh e Paquistão. Embora a maioria dos países tenha conquistado avanços nos últimos 25 anos na luta contra a fome e a subnutrição, a situação estagnou nos países afetados pelo conflito e, em alguns lugares, piorou. Isso é preocupante, uma vez que o número de conflitos em todo o mundo está aumentando.

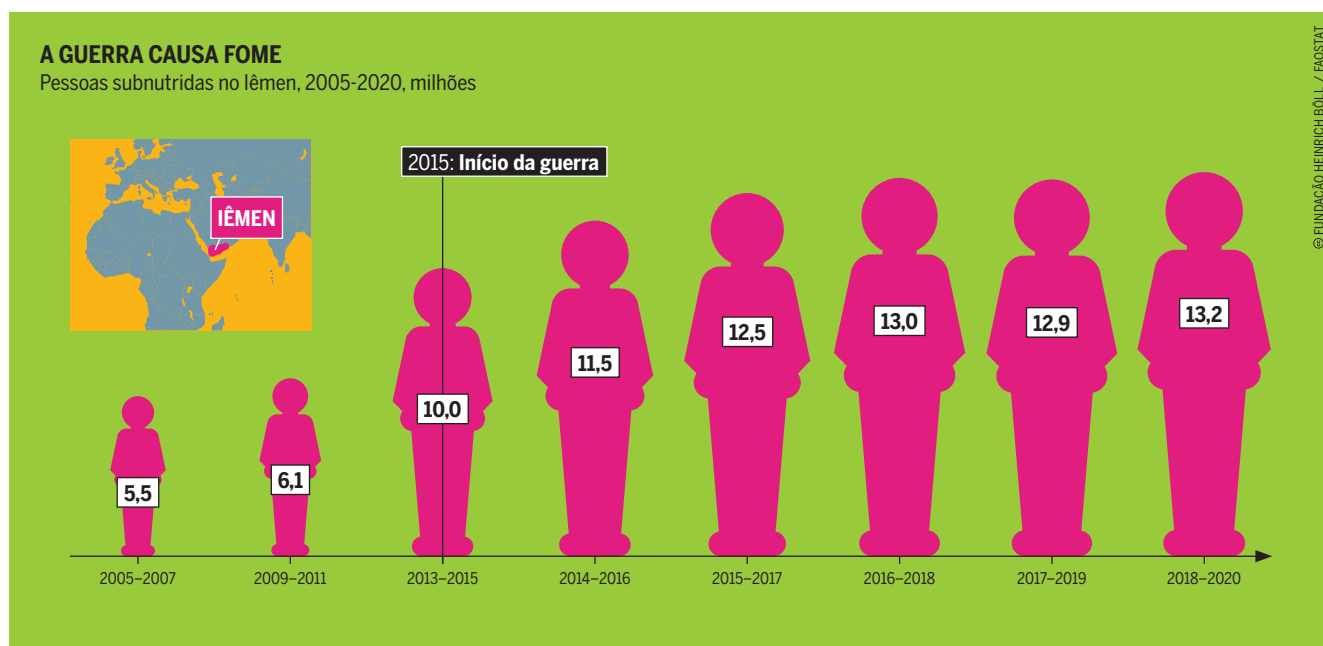
As guerras civis e conflitos internos agora desempenham um papel maior do que as guerras entre estados. Mais da metade das pessoas afetadas por guerras e conflitos civis vivem em áreas rurais. Os conflitos perturbam

todos os aspectos da agricultura, da produção à comercialização e serviços rurais. Os conflitos têm consequências imediatas e de longo prazo para a agricultura e, portanto, para a segurança alimentar da população. Nas regiões de conflito, as plantações são destruídas, o gado é roubado e as pessoas são expulsas de suas terras. O exemplo da República Centro-Africana mostra algumas consequências possíveis a longo prazo. Em 2013, milícias armadas e grupos rebeldes desencadearam uma guerra civil que continua até hoje. Em 2015, a produção de cereais era de 128.000 toneladas, 70% abaixo dos níveis anteriores ao conflito. Em 2018, a safra foi apenas marginalmente superior, com 134.000 toneladas.

As formas como os conflitos afetam a segurança alimentar e a agricultura dependem da situação local. Os efeitos podem ser diretos e, de fato, podem ser um aspecto deliberado da estratégia militar ou das táticas de guerra. É o caso do Iêmen ou da região etíope de Tigray. A infraestrutura de produção e o gado nesses locais estão sendo alvos deliberados, a população local está sitiada, seus movimentos são restritos e as pessoas passam fome.

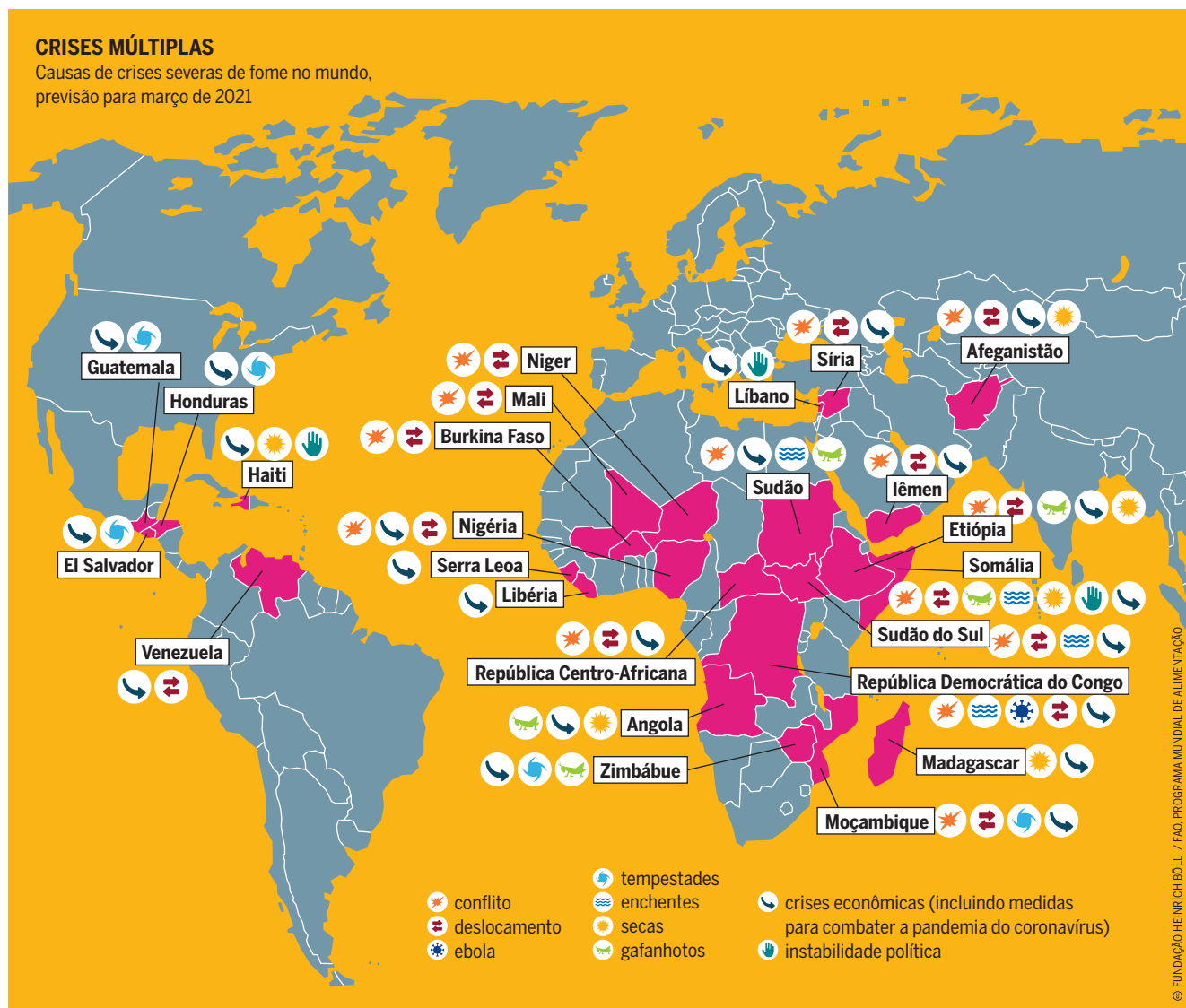
Em outros conflitos, a fome é uma consequência não intencional, mas estrutural da guerra, quando o combate leva ao deslocamento e destrói meios de subsistência, sistemas alimentares e mercados, por exemplo. Isso pode elevar

Vários grupos travam uma guerra civil no Iêmen desde 2015: um lado é apoiado por uma coalizão liderada pela Arábia Saudita e o outro pelo Irã



CRISES MÚLTIPLAS

Causas de crises severas de fome no mundo, previsão para março de 2021



os preços dos alimentos e reduzir o poder de compra das famílias.

A situação das pessoas que são forçadas a deixar suas casas ou seu país devido ao conflito é especialmente ameaçadora. Pessoas deslocadas e refugiadas estão entre as populações mais vulneráveis do mundo; frequentemente sofrem com insegurança alimentar e subnutrição. Estima-se que 80% das pessoas deslocadas por conflitos vivam em países onde as pessoas lutam para se alimentar adequadamente. O número de pessoas deslocadas e refugiadas por conflitos e violência tem aumentado continuamente desde 2011. No final de 2019, atingiu um nível recorde de 79,5 milhões de pessoas – quase o dobro de 2010.

Refugiados e deslocados não podem cultivar suas próprias terras e têm dificuldade em conseguir empregos e, portanto, praticamente não têm como se sustentar. Elas podem permanecer dependentes da assistência de governos ou agências de ajuda humanitária durante anos. Sua posição é agravada pelo aumento dos preços globais dos alimentos. Em muitos lugares, os preços voltaram a atingir níveis semelhantes aos observados durante a crise alimentar de 2008-9.

A fome também pode dar origem a conflitos, por exemplo, sobre o acesso à terra e à água. Um exemplo são as mu-

Conflitos, mudanças climáticas e choques econômicos são atualmente as maiores ameaças à segurança alimentar

danças relacionadas ao clima nas rotas de migração que os pastores usam, como nos anos de seca de 2015-2017. O aumento dos preços dos alimentos também pode reforçar a percepção de injustiça em relação ao estado, quando alimentos suficientes estão disponíveis, mas os setores mais pobres da sociedade não têm dinheiro suficiente para comprá-los. Os conflitos pela falta de pão em 2008 em Burkina Faso, Camarões, Egito, Haiti e Indonésia são exemplos disso.

Não se trata apenas – ou principalmente – de produzir alimentos suficientes para combater a fome. Pessoas com fome devem ter acesso a alimentos saudáveis. Para isso, dependem de um ambiente no qual possam produzir alimentos suficientes elas próprias, ou ganhar dinheiro suficiente para comprá-los, e no qual sejam acondicionados em caso de emergência. Os conflitos destroem ou minam a base desta estratégia de longo prazo para alcançar a segurança alimentar. ●

DESNUTRIÇÃO

PASSANDO FOME E CONSUMINDO MUITOS ULTRAPROCESSADOS

A desnutrição está aumentando em todo o mundo. Uma alimentação em quantidade insuficiente pode fragilizar o desenvolvimento da primeira infância, ao mesmo tempo em que uma dieta rica em açúcar e gordura pode causar doenças cardiovasculares ou diabetes.

Mais de um terço de toda a humanidade sofre de alguma forma de desnutrição. Isso inclui pessoas que estão subnutridas e não consomem vitaminas e minerais suficientes, e pessoas que estão com sobrepeso e obesas. A obesidade não é um problema estético e não necessariamente deixa alguém doente, mas aumenta o risco de doenças específicas. Entre 2005 e 2014, o número de pessoas com fome e subnutridas diminuiu em proporção à população mundial. Mas desde 2017 aumentou significati-

vamente e, em 2020, cerca de 768 milhões de pessoas estavam subnutridas.

Ao mesmo tempo, o número de pessoas com sobrepeso também está aumentando. Em 2018, 1,9 bilhão de adultos foram classificados como sendo acima do peso ou obesos. No Sul Global, o número de crianças com sobrepeso e obesidade está crescendo mais rápido do que no Norte Global. São países que enfrentam o duplo fardo da desnutrição – subnutrição entre alguns, acompanhada de sobrepeso e obesidade entre outros.

A fome afeta principalmente o desenvolvimento das crianças. Cerca de 45,4 milhões de crianças com menos de 5 anos (6,7% de todas as crianças) são “marasmáticas” como resultado da desnutrição crônica: são leves demais para sua altura. Outros 149,2 milhões, ou 22%, de meninos e meninas são “raquíticos”: muito baixos para sua idade. Cerca de 45% das mortes de crianças menores de 5 anos são atribuídas à subnutrição. A fome não se limita ao Sul Global; também ocorre no Norte Global. Em 2019, 35,2 milhões de americanos viviam em famílias que às vezes não tinham dinheiro suficiente para comprar comida adequada para si.

A obesidade pode causar doenças. Nos últimos 20 anos, a incidência de doenças não transmissíveis que podem ser desencadeadas por má nutrição, entre outras coisas, aumentou dramaticamente. Em 2000, cerca de 900.000 pessoas em todo o mundo morreram de diabetes; em 2019, cerca de 1,4 milhão. Em 2019, doenças cardíacas e derrames foram as doenças mais comuns em todo o mundo. Em 2020, elas causaram 15 milhões de mortes; em 2000, o número era de apenas 12 milhões. As causas do sobrepeso e da obesidade são complexas e resultam principalmente de mudanças no estilo de vida e nos hábitos alimentares, combinadas com pouco exercício.

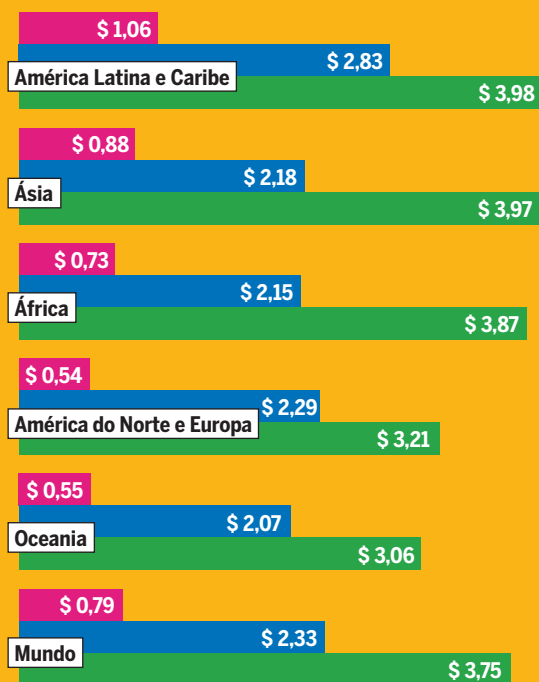
A crise alimentar de 2008 ilustra como o aumento do consumo de alimentos altamente processados pode ter causas estruturais. As mulheres precisaram dedicar mais tempo para ganhar dinheiro para alimentar suas famílias, ao mesmo tempo em que assumiam a maior parte da responsabilidade pelo trabalho de cuidado. Em muitos países, são principalmente as mulheres as responsáveis pela preparação das refeições. Como ficavam com muito pouco tempo, elas tendiam a comprar alimentos altamente processados, fáceis e rápidos de cozinhar. As vendas desses alimentos aumentaram, junto com o número de pessoas que consumiram *fast food* ou comeram em lanchonetes. Como resultado, o consumo de alimentos processados com alto teor de açúcar e sal aumentou.

Uma dieta saudável e variada é pesada para o bolso de muita gente, especialmente para aqueles vivendo no Sul Global

VARIEDADE E VITAMINAS CUSTAM CARO

O custo de vários tipos de dieta de acordo com a região, 2017, por pessoa e dia, em dólares americanos

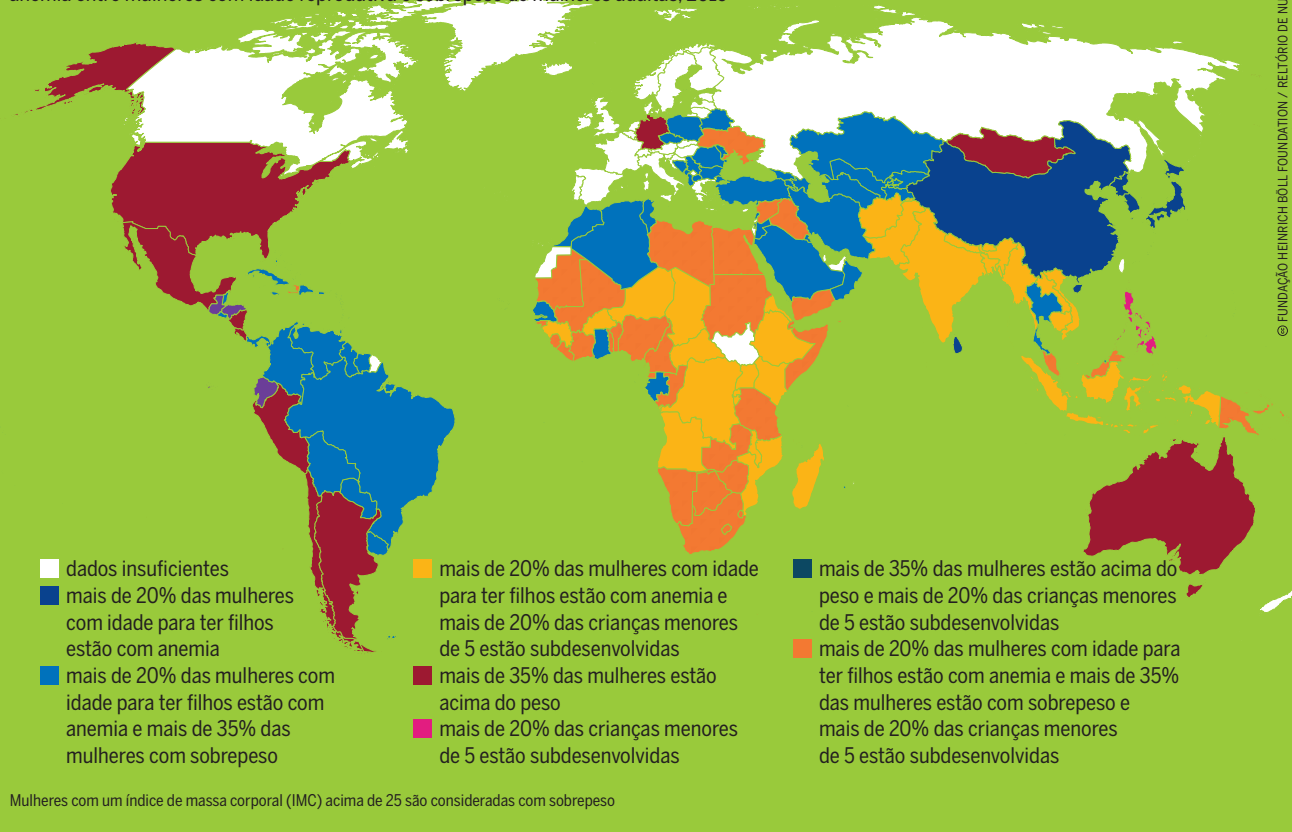
- dieta com calorias suficientes
- dieta com nutrientes suficientes
- dieta saudável e variada: combina diferentes tipos de alimento, reduz o risco de várias doenças ligadas à alimentação



© FUNDAÇÃO HEINRICH BÖLL / STATISTA

O FARDIO DUPLO DA DESNUTRIÇÃO

Países com sobreposição de formas de crescimento retardado em crianças menores de 5 anos, anemia entre mulheres com idade reprodutiva e sobrepeso de mulheres adultas, 2019



O consumo de alimentos ultraprocessados tem se destacado como causa da obesidade. Esses alimentos incluem bebidas açucaradas, lanches e refeições congeladas. Eles têm alta densidade calórica e geralmente contêm ingredientes baratos, como óleo de palma, açúcar e amido. Esses produtos se tornaram parte do sistema alimentar em todo o mundo. Em comparação com outros alimentos, os itens ultraprocessados têm uma vida útil mais longa, estão mais frequentemente prontos para o consumo e são mais comercializados.

Apesar de seu balanço nutricional negativo, entre 25 e 60% das necessidades calóricas (dependendo da região) são supridas com esses alimentos. Dados de mercado mostram que as vendas de alimentos ultraprocessados cresceram mais rapidamente no sul e sudeste da Ásia, norte da África e Oriente Médio. As vendas de bebidas altamente processadas têm crescido mais fortemente no sul e sudeste da Ásia e na África.

Uma dieta saudável é uma dieta variada e nutritiva, mas essa dieta é cinco vezes mais cara do que aquela que simplesmente supre as necessidades de energia de uma pessoa por meio de alimentos básicos ricos em amido.

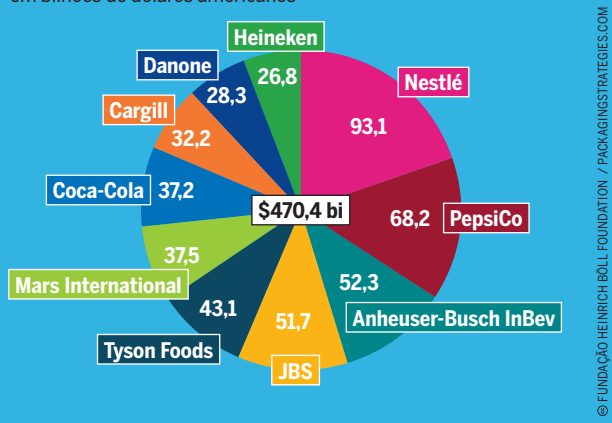
Em todo o mundo, 3 bilhões de pessoas não podem pagar uma dieta saudável. Em uma média global, custa 79 centavos de dólar para fornecer a uma pessoa um número adequado de calorias. Custa 2,33 dólares americanos para

Os sistemas de saúde da maioria dos países do mundo enfrentam uma ou mais formas de desnutrição

fornecer à mesma pessoa uma dieta que leve em conta suas necessidades nutricionais além de calorias. Uma dieta saudável e variada que combina vários tipos de alimentos e que previne sintomas de deficiência e doenças relacionadas à nutrição de longo prazo custa no mínimo 3,75 dólares americanos por pessoa por dia. De acordo com um relatório das Nações Unidas, apenas metade da população mundial pode pagar uma dieta saudável que evite a desnutrição. ●

REIS DOS CORREDORES DE SUPERMERCADO

As 10 maiores corporações de alimento, vendas em 2019, em bilhões de dólares americanos



Juntos, os Cinco Grandes (Big Five) faturaram USD 308,4 bilhões em 2019 – mais do que o PIB da Finlândia

COMÉRCIO DE ALIMENTOS, UM GRANDE NEGÓCIO

Da questão fundiária ao fornecimento de sementes e o varejo de alimentos: as cadeias de valor dos alimentos são marcadas pela concentração em poucas mãos. O desequilíbrio de poder entre grandes empresas, pequenos proprietários e consumidores resulta em desnutrição.

O setor agrícola e alimentar é marcado por grandes diferenças de poder ao longo de toda a cadeia de valor. Nos mercados globais e nos níveis local e regional, o acesso à terra, sementes, água e serviços agrícolas são distribuídos de forma muito desigual. O poder econômico reforça o poder político. Como resultado, as políticas elaboradas por e para as elites perpetuam a pobreza para partes da população e geram crises como as mudanças climáticas e a extinção de espécies.

Um exemplo dessa desigualdade são as políticas em torno do acesso à terra. Muitos países ao redor do mundo têm políticas fundiárias para proteger os direitos fundiários de grupos vulneráveis. No entanto, falta implementação. Esta é uma questão central para a segurança alimentar, já que 80% das pessoas que sofrem de extrema pobreza vivem em áreas rurais. A agricultura é sua principal fonte de renda; muitos são agricultores de subsistência. A Organização das Nações Unidas para a Alimentação e a Agricultura estima que, dos 608 milhões de fazendas em todo o mundo, 84% adminis-

tram menos de 2 hectares. Apenas 1 % das empresas agrícolas operam mais de 50 hectares. Se as pessoas são expulsas de suas terras, elas também perdem seus meios de subsistência e a International Land Coalition avalia que a desigualdade fundiária tem aumentado desde os anos 1980.

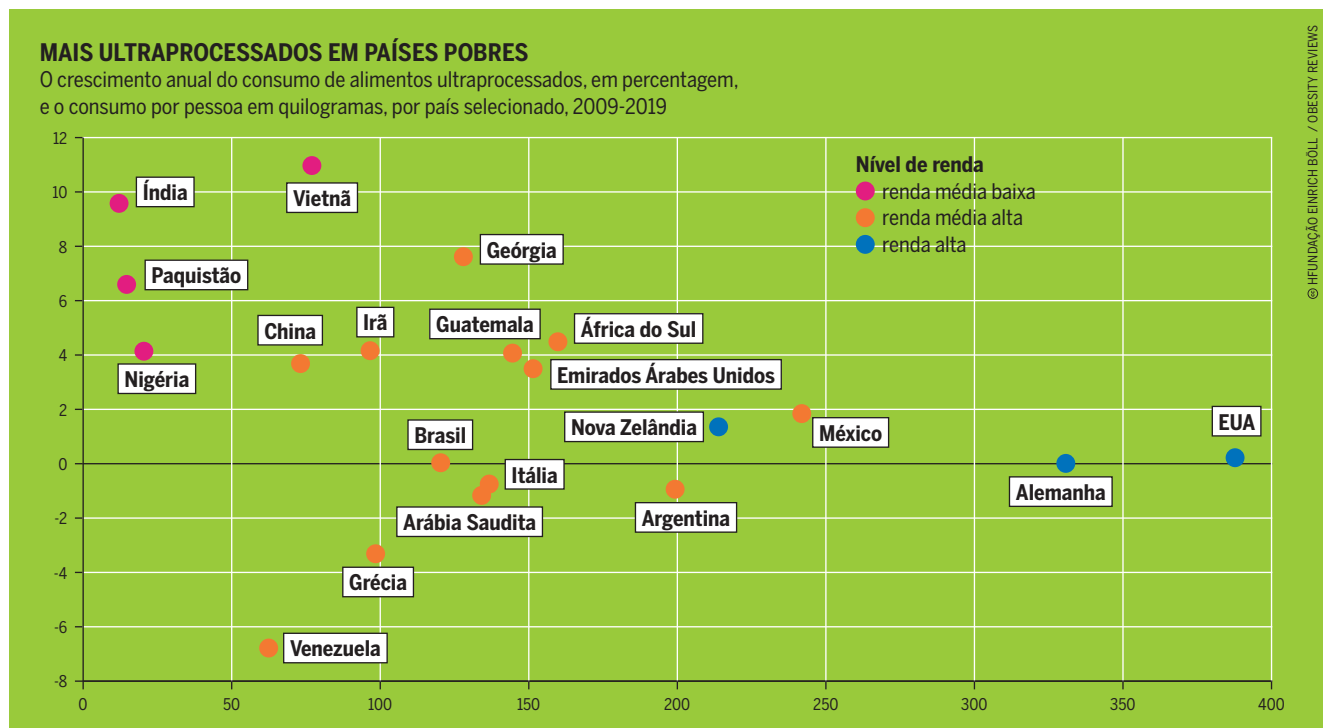
Na África, 10 milhões de hectares de terra foram adquiridos para agricultura em grande escala entre 2000 e 2016 e apenas cerca de metade das terras adquiridas em tais negócios são atualmente fazendas produtivas. A fome e a pobreza são mais comuns em torno das grandes fazendas do que em áreas dominadas por pequenas propriedades.

O desequilíbrio é ainda mais grave quando se considera a distribuição de terras entre homens e mulheres. No Sul Global, apenas entre 10 e 20 % dos proprietários de terras são mulheres. Em metade de todos os países do mundo é difícil ou impossível para as mulheres possuir terras. No entanto, os direitos das mulheres à terra e à propriedade são aspectos centrais de sua capacidade de participar da vida econômica, produzir alimentos e ganhar uma renda.

O acesso a sementes é fundamental para a segurança alimentar, porém, os interesses econômicos das grandes corporações de sementes restringem o acesso a elas.

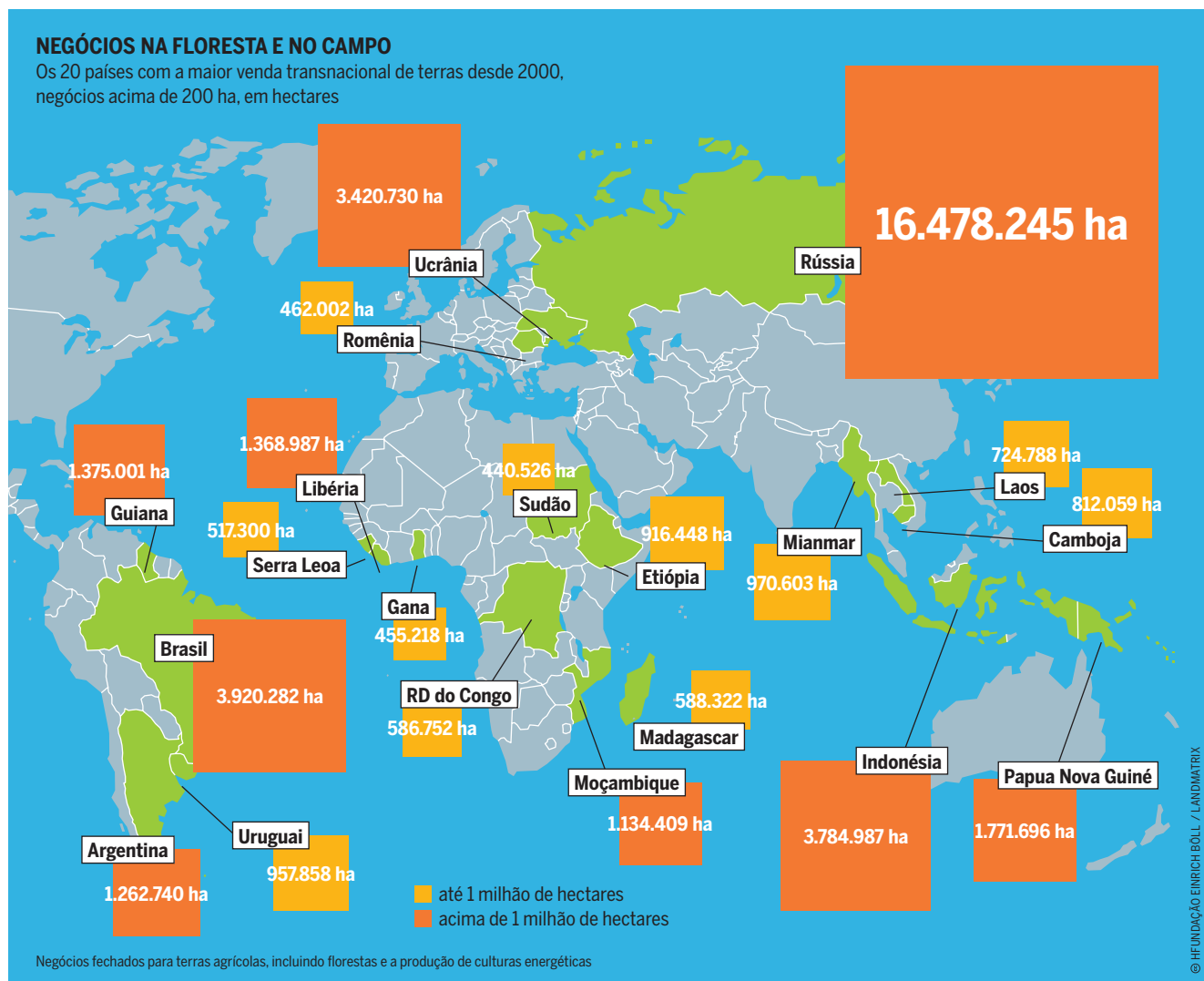
Cerca de 50% do mercado de sementes comerciais é controlado por apenas quatro empresas. Isso inclui a Bayer Crop Science (que abarca a Monsanto), a empresa

O consumo de alimentos ultraprocessados está estagnado em países ricos como Alemanha e EUA – mas em níveis altos



NEGÓCIOS NA FLORESTA E NO CAMPO

Os 20 países com a maior venda transnacional de terras desde 2000, negócios acima de 200 ha, em hectares



americana Corteva Agriscience, ChemChina/Syngenta e a empresa francesa Vimorin & Cie/Limagrain. As organizações da sociedade civil há muito criticam as tentativas das grandes empresas de sementes de influenciar a política no Sul Global para expandir ainda mais sua participação nos mercados de sementes dos países. Entre outras coisas, essas empresas querem que as leis sejam alteradas para reduzir a liberdade dos agricultores de propagar, comercializar ou trocar sementes eles próprios. Se os agricultores seguissem conselhos de alguns dos serviços de extensão e comprassem semente híbrida, eles não seriam mais capazes de produzir sua própria semente. Isso pode levá-los a uma espiral de dívidas. Além disso, a enorme diversidade de variedades tradicionais de sementes aumenta a possibilidade de enfrentar os desafios de um clima em mudança.

O processamento de alimentos concentra o mercado com consequências especialmente negativas para a saúde. Em 2019, cinco das maiores empresas de processamento de alimentos do mundo, Nestlé, PepsiCo, Anheuser-Busch InBev e as produtoras de carne JBS e Tyson Foods, tiveram vendas de mais de 40 bilhões de dólares cada uma. Essas cinco empresas controlavam 23% da participação de mercado das 100 maiores empresas de processamento de alimentos em todo o mundo. Suas vendas combinadas de 308 bilhões de dólares por ano foram superiores ao produto interno bruto da Finlândia.

Há dez anos, investidores internacionais passaram a se interessar em adquirir grandes áreas de terras, principalmente na Ásia, no Leste Europeu e no Brasil

Esses gigantes da alimentação usam sua influência política para manter suas participações de mercado. Isso ficou claro em 2016, no que ficou conhecido como “Coca Leaks” – uma série de e-mails entre dois ex-gerentes seniores da Coca-Cola. Os e-mails sugerem que resultados de pesquisas que atendam aos interesses da indústria devem ser gerados por meio de estudos encomendados sobre as causas da obesidade.

O Corporate Observatory Europe, uma organização da sociedade civil, calcula que a indústria de alimentos na Europa gastou mais de 500 milhões de euros para fazer lobby contra a introdução do Nutri-Scores, um esquema de classificação nutricional para exibição em embalagens de alimentos. As corporações propuseram seu próprio esquema voluntário com muito menos valor informativo e contrataram um grupo de reflexão, financiado por elas, para conduzir estudos científicos sobre ele. Esses estudos deveriam aumentar a credibilidade de seu próprio esquema de rotulagem. O crescimento global do consumo de alimentos ultraprocessados, que resulta em custos sociais cada vez mais elevados, também é resultado dessas atividades de lobby. ●

TRABALHO, POBREZA E FOME: EXPRESSÕES DA DESIGUALDADE NO BRASIL

A fome é uma das expressões da desigualdade que historicamente caracteriza a sociedade brasileira. Mesmo produzindo alimentos em quantidade suficiente para alimentar toda a população, a reprodução da pobreza impede que milhões de brasileiros tenham acesso à alimentação saudável. Nos últimos anos, esse problema tem se agravado trazendo consequências terríveis para a saúde de uma parcela expressiva da população.

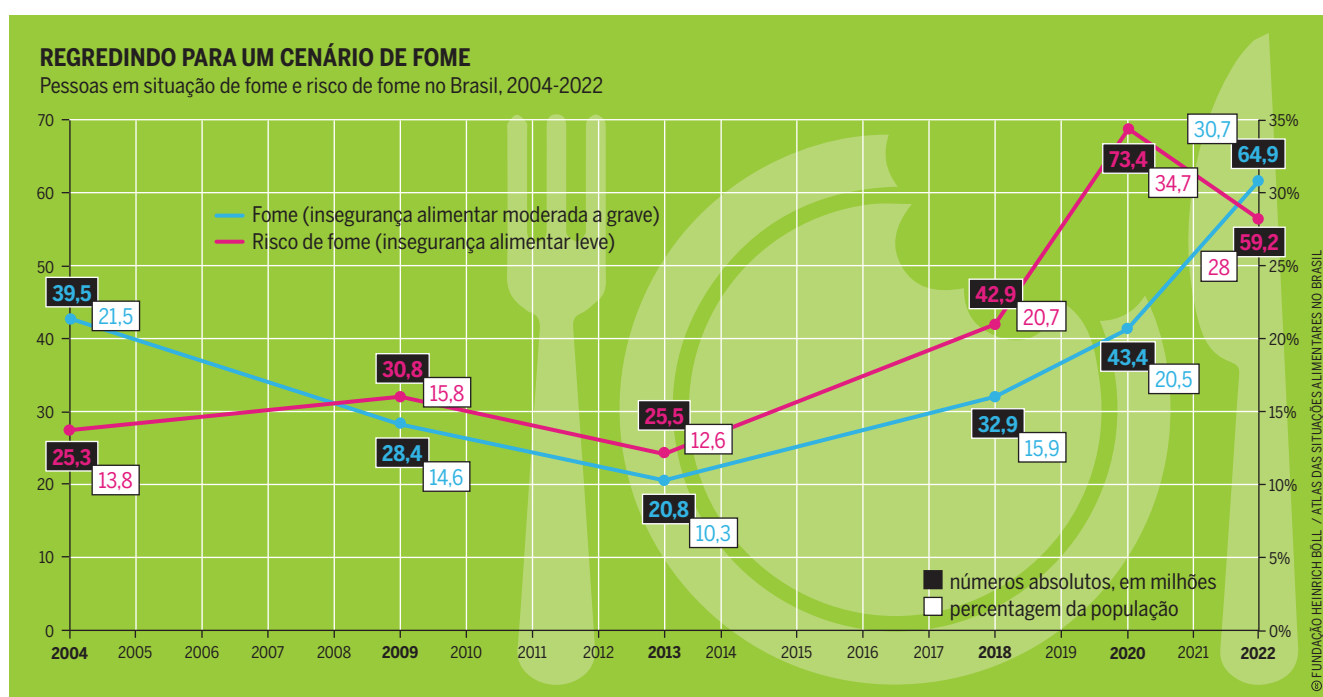
Em uma sociedade amplamente monetarizada e marcada por uma intensa divisão do trabalho como a brasileira, o acesso aos alimentos necessários para a reprodução da vida se dá quase totalmente pela aquisição monetária, ou seja, pelo mercado. Por essa razão, os rendimentos individuais ou domiciliares estão tão intimamente relacionados com a situação alimentar das pessoas ou famílias.

De acordo com os dados da Pesquisa de Orçamentos Familiares do IBGE quanto menor o orçamento domiciliar, menor tende a ser o gasto com alimentos. Em 2018, nos domicílios com rendimento mensal de até 2 salários-mínimos a despesa mensal com alimentação era a metade da média nacional (R\$329 x R\$658). No entanto, mesmo gastando

significativamente menos, os domicílios nessa faixa de rendimento comprometiam uma parcela significativamente maior de seu orçamento com esse gasto (22%, enquanto a média nacional é de 14%). Por essa razão, mesmo antes da pandemia a disponibilidade de alimentos nesses domicílios já era pequena e pouco variada, com o arroz e o feijão ocupando uma posição de destaque, enquanto a aquisição de frutas, hortaliças e laticínios é bastante reduzida. Além disso, nos domicílios mais empobrecidos do país, milhões de brasileiros conviviam com a privação de alimentos por conta da falta de recursos para obtê-los.

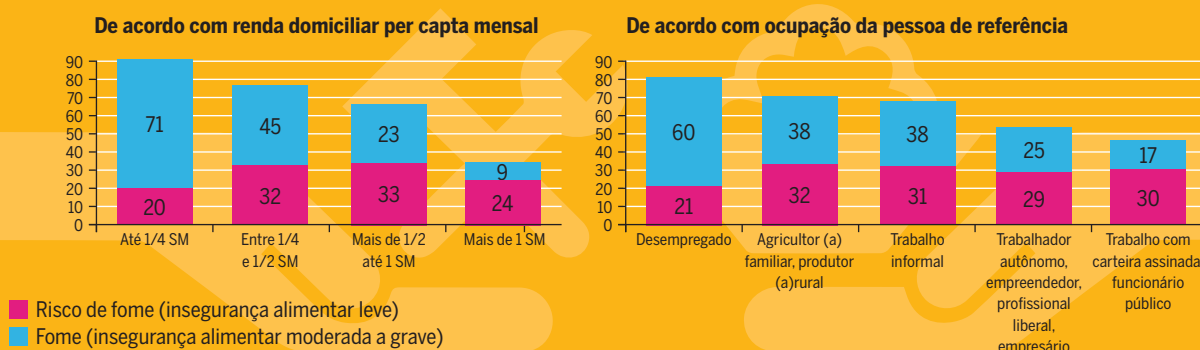
A compreensão dessa realidade passa necessariamente pela consideração do mercado de trabalho. No Brasil, a gênese deste mercado remonta à escravidão, quando a maior parte da força de trabalho do país encontrava-se expropriada não apenas de suas terras e outros meios de subsistência, como do próprio controle sobre sua força de trabalho. Inúmeros são os registros acerca das péssimas condições da alimentação a qual esses trabalhadores eram submetidos, uma vez que seus proprietários buscavam reduzir ao máximo o custo de sua reprodução. Assim, não foi o fracasso, mas o sucesso de uma economia colonial baseada na exportação de produtos primários que fez da fome algo comum em nosso território.

Desde então, a fome apresenta-se como o produto necessário das relações econômicas vigentes no país. A passagem do regime de trabalho escravo para o trabalho livre



TRABALHO E FOME: INDISSOCIÁVEIS

Proporção de domicílios em situação de fome e risco de fome no Brasil, 2022



© FUNDAÇÃO HEINRICH BÖLL / ATLAS DAS SITUAÇÕES ALIMENTARES NO BRASIL

não implicou na superação desse problema, primeiramente porque desde a abolição formal da escravidão, o mercado de trabalho no Brasil não empregou toda a força de trabalho disponível no país, o que pode ser identificado em todo o século XX e início do século XXI por meio das altas taxas de desemprego e subemprego, sempre mais elevadas entre mulheres, pretos e pardos.

Assim, sem acesso aos meios de subsistência e privados da possibilidade de empregar sua força de trabalho, uma parcela expressiva da população foi empurrada para o pauperismo e submetida à privação de alimentos. Além disso, é preciso considerar que mesmo aqueles que encontram empregos formais ou informais, nunca tiveram garantias de que seus rendimentos seriam suficientes para viver sem o risco de passar fome. Afinal, desde sua instituição, o valor do salário-mínimo no Brasil sempre esteve aquém do patamar necessário para que uma família pudesse arcar com os custos de sua reprodução de acordo com padrões socialmente aceitáveis.

Dados publicados pelo IBGE indicam que o desemprego, o subemprego e a baixa remuneração pelo trabalho continuam sendo características determinantes do mercado de trabalho no Brasil. Em 2020, o nível de ocupação da população em idade de trabalhar (acima de 14 anos) foi de apenas 51%, fazendo com que 31,7 milhões (28,3%) de pessoas encontrassem subocupadas por insuficiência de horas, desocupadas ou fizesse parte da força de trabalho potencial (categoria que abriga a parcela da população que não realizou busca ativa por trabalho). Neste mesmo ano, aproximadamente um terço da população (61,4 milhões de pessoas) vivia com rendimento per capita mensal de até meio salário-mínimo (R\$522) e apenas 3,4% (7,2 milhões de pessoas) tinham rendimento per capita superior a cinco salários-mínimos (R\$ 5.225).

Por conta disso, não surpreende que os dados do Inquérito Nacional sobre Insegurança Alimentar no Contexto da Pandemia da Covid-19 no Brasil, coletados entre novembro de 2021 e abril de 2022 pela Rede Brasileira de Pesquisa em Soberania e Segurança Alimentar e Nutricional (Rede Penssan), apontem para um elevadíssimo número de pessoas em situação de fome (insegurança alimentar moderada e grave) e risco de fome (insegurança alimentar leve).

Os dados obtidos desde 2004 pelo IBGE por meio da aplicação da Escala Brasileira de Insegurança Alimentar (mesma escala utilizada pela Rede Penssan), evidenciam que entre 2004 e 2013 houve uma diminuição do risco de fome

da fome no país. Entre os fatores que explicam essa queda destacam-se a diminuição do desemprego, a valorização do salário-mínimo e uma política de segurança alimentar que tinha como carro-chefe o programa Bolsa Família.

No entanto, a partir de 2013 o país passou a conviver com um cenário de seguidas crises políticas e econômicas que deterioraram significativamente as condições de vida da maior parte da população brasileira. A deposição da presidenta Dilma Rousseff e a posterior chegada de Jair Bolsonaro à presidência foram marcos de uma clara mudança no projeto de país, cuja política econômica deixou de ter como uma de seus objetivos a diminuição da pobreza e o combate à fome. Deste modo, é importante destacar que mesmo antes da pandemia, 15,9% da população já se encontrava em situação de fome (quando há restrição quantitativa e qualitativa de alimentos) e 20,7% não tinham certeza se teriam o que comer até encontrarem recursos para comprar mais alimentos (risco de fome). Assim, quando a pandemia chegou ao país encontrou uma sociedade extremamente fragilizada para enfrentar os desafios colocados pelo necessário distanciamento social.

Os dados da Rede Penssan também nos permitem identificar a íntima relação entre a inserção no mercado de trabalho, os rendimentos domiciliares e a fome. Neste inquérito, mesmo entre os domicílios com renda per capita superior a um salário mínimo, foi identificada a situação de fome (9,0%) e de risco de fome (24,0%). Já com relação à ocupação da pessoa de referência do domicílio, observa-se que os maiores índices de fome e risco de fome são observados entre desempregados, trabalhadores informais e agricultores familiares. No entanto, mesmo entre os domicílios em que a pessoa de referência é aposentada ou trabalha formalmente (com carteira assinada ou funcionário público) os níveis de fome e risco de fome são consideráveis.

Os dados elencados aqui permitem identificar uma clara correlação entre as condições de trabalho, a pobreza e a fome no Brasil. Por meio deles é possível reconhecer que a fome não chegou ao Brasil com a pandemia e que seu agravamento a partir de 2020 se deve antes à ausência de medidas políticas e econômicas para garantir que a população pudesse respeitar o necessário distanciamento social, do que à transmissão do vírus. Deste modo, é preciso explicitar que as razões para tamanho sofrimento se encontram em um projeto político e econômico que interessa a poucos e historicamente foi responsável pela reprodução da pobreza e da fome em nosso território. ●

DESIGUALDADES

NO BRASIL, A FOME TEM COR, GÊNERO E ENDEREÇO

As desigualdades alimentares, parte de um quadro perverso de desigualdades na população brasileira, recrudescentes nos últimos anos. Em um contexto de retrocessos em políticas socioambientais e de apoio à agricultura familiar, a população negra e as mulheres são as mais atingidas.

33 milhões de pessoas passam fome no Brasil! Estes foram os dados trazidos pelo II Inquérito Nacional sobre Insegurança Alimentar no Contexto da Pandemia da Covid-19 no Brasil (II Vigisan), realizado pela Rede Penssan, Rede Brasileira de Pesquisa em Soberania e Segurança Alimentar e Nutricional. A pesquisa, cujos dados foram coletados entre novembro e dezembro de 2021, evidencia o grande retrocesso no combate à fome no país. As desigualdades se expressam de forma múltipla na sociedade e também se manifestam na forma como as pessoas se alimentam. Desigualdades preexistentes repercutem no acesso desigual aos alimentos, situação que, por sua vez, também refletirá neste quadro amplo de desigualdades.

Segundo a pesquisa Desigualdades Sociais por Cor ou Raça no Brasil, do IBGE (2019), dos 13,5 milhões de brasileiros que vivem em extrema pobreza, 10,1 milhões declararam-se de cor preta ou parda. Ainda de acordo com esta pesquisa, 75% das pessoas que vivem em situação de miséria eram de cor preta ou parda em 2018, quando em termos absolutos, esta população representa apenas 55,8% do total de brasileiros e brasileiras. Estas desigualdades também se manifestam quando analisados os dados de rendimento médio de pessoas de 14 ou mais anos de idade ocupadas: a população preta e parda recebe rendimentos inferiores

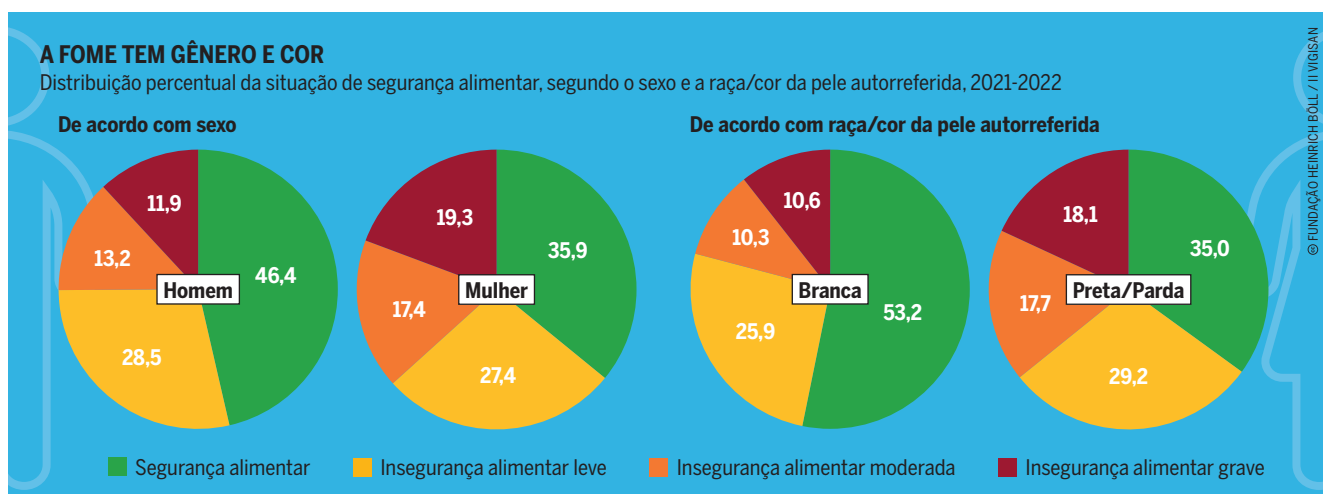
à população branca tanto no mercado de trabalho formal como também no informal.

Assim como raça e classe são componentes estruturantes das desigualdades brasileiras, as desigualdades alimentares também possuem como marcadores estas dimensões. Sob o ponto de vista racial, os dados da II Vigisan evidenciam que a fome tem cor: em lares cuja pessoa de referência é branca, a insegurança alimentar grave incide em 10,6% do total. Este número sobe para 18,1% quando a pessoa de referência é autorreferida como preta ou parda. Apenas 35% das famílias chefiadas por pessoas pretas e pardas estão em situação de segurança alimentar e nutricional.

A pesquisa também evidencia a maior prevalência de fome e risco de fome em lares chefiados por mulheres: 19,3% dessas famílias estão em situação de insegurança alimentar grave. Quando o homem é a pessoa de referência da família, este número diminui para 11,9%. Na obra de Carolina Maria de Jesus, *Quarto de Despejo*, escrita na década de 1950, a autora relata com detalhes a carestia de alimentos vivida sobretudo pela população pobre e negra. Mais de meio século depois, a população negra e as famílias chefiadas por mulheres seguem como aquelas que mais veem de perto a fome.

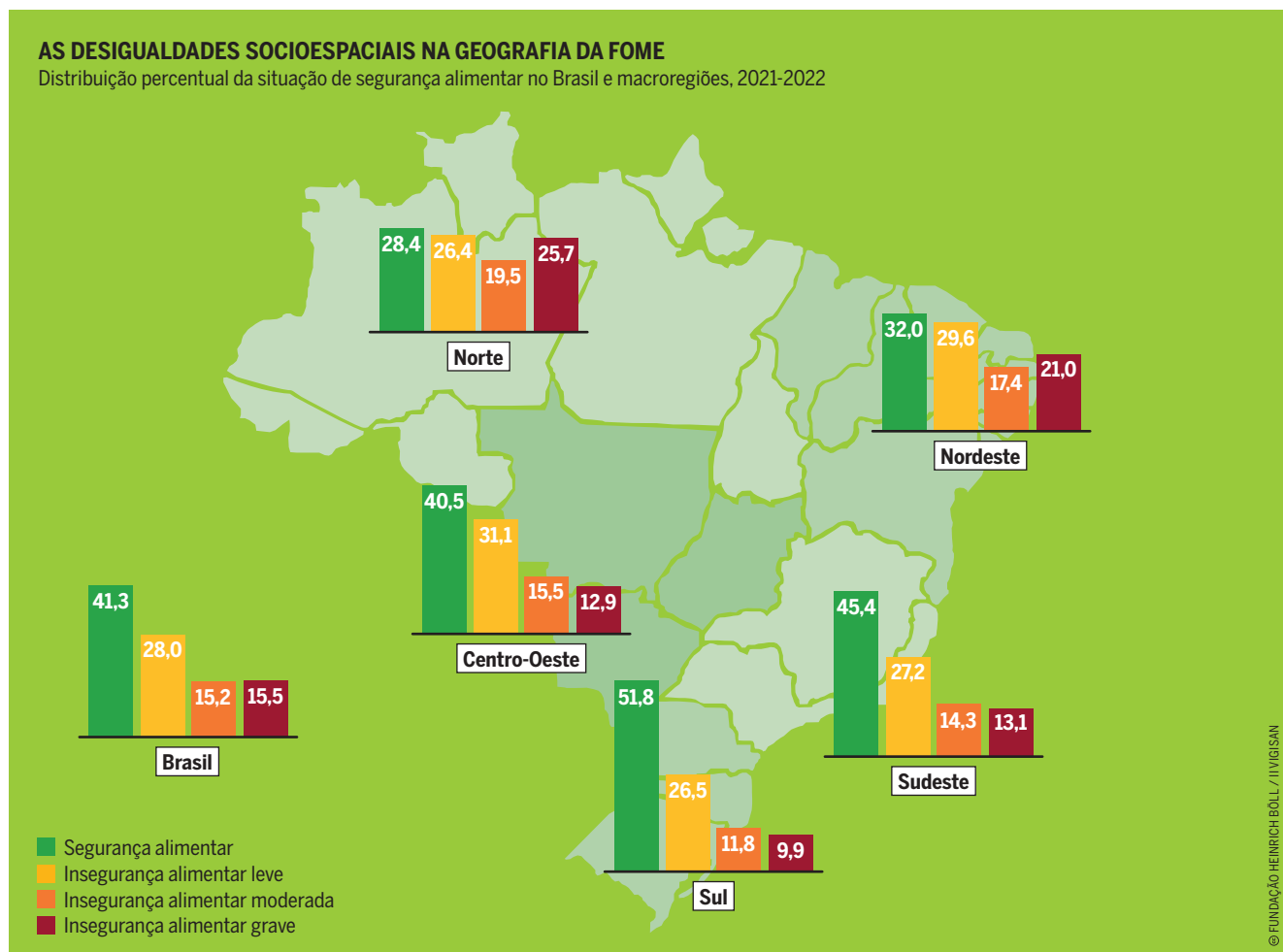
Outra dimensão de desigualdade que chama a atenção na pesquisa Vigisan, é a desigualdade regional. Em sua obra *Geografia da Fome*, publicada em 1946, Josué de Castro já evidenciava, a partir da categorização de “áreas alimentares”, que a alimentação no Brasil se dava de forma muito diversa e que a fome era um fenômeno espacialmente distribuído de forma desigual no país. Ainda hoje, a desigualdade regional e socioespacial segue como uma marca no

Dados das pesquisa Vigisan publicada em 2022 mostram a maior prevalência da fome em famílias chefiadas por mulheres e cuja pessoa de referência é negra



AS DESIGUALDADES SOCIOESPACIAIS NA GEOGRAFIA DA FOME

Distribuição percentual da situação de segurança alimentar no Brasil e macroregiões, 2021-2022



Brasil, sendo a distribuição desigual da fome uma de suas expressões. É preocupante a incidência da insegurança alimentar nas regiões Nordeste e Norte. Dentre o total de domicílios em cada região, em 21,0% dos lares na região Nordeste as pessoas se encontram em situação de insegurança alimentar grave; na região Norte, este percentual sobe para 25,7%.

Os dados dessas duas regiões são ainda mais agravantes quando se analisa apenas os domicílios de agricultores familiares e produtores rurais. Considerando a distribuição percentual da condição de Segurança Alimentar e dos níveis de Insegurança Alimentar de domicílios de agricultores familiares e produtores rurais no Brasil, o percentual de famílias em Segurança Alimentar cai de 41,3% para 30,4%. Nas regiões Norte e Nordeste, este número é ainda mais preocupante: respectivamente, apenas 20,1% e 16,4% das famílias encontram-se em situação de Segurança Alimentar. No Norte, 40,2% dessas famílias agricultoras encontram-se em situação de insegurança alimentar grave. Os dados evidenciam que o modelo de desenvolvimento que tem predominado na região – marcado pelo avanço do agronegócio, desmatamento, mineração e grandes obras de infraestrutura – não tem criado condições de superação para a questão alimentar, pelo contrário. Modelos predatórios para o ambiente e a sociedade são produtores de fome.

A condição de vulnerabilidade no campo reflete a desigual concentração fundiária existente historicamente no Brasil. Mais de 35% dos domicílios em área rural estão em insegurança alimentar moderada ou grave. Segundo

Apenas na região Sul do país pouco mais da metade da população encontra-se em situação de Segurança Alimentar. O principal percentual de insegurança alimentar grave encontra-se na região norte: 25,7% da população

dados apresentados no Censo Agropecuário de 2017, do IBGE, estabelecimentos agropecuários com menos de 10 hectares correspondiam a 50,15% do número total de estabelecimentos, mas a apenas 2,28% da superfície territorial. Enquanto isso, os estabelecimentos com 1.000 ou mais hectares (1% das propriedades), ocupam 47,52% da área total. O índice de Gini - medida de desigualdade onde 0 corresponde a completa igualdade e 1 a completa desigualdade - da distribuição de terras no Brasil foi, em 2017, de 0,867.

Os dados mostram a inaceitável contradição na qual produtores de alimentos se encontram em situação de fome ou risco de fome, população que especialmente desde 2016 sofre com impactos no desmonte de políticas públicas em apoio à agricultura familiar. Mostram igualmente que a agenda de políticas alimentares defendidas por organizações e movimentos do campo e da cidade que buscam construir circuitos de maior proximidade entre produção e consumo, tendo como base uma agricultura diversificada, agroecológica e livre de transgênicos e agrotóxicos, é ferramenta potente na reversão deste quadro. É urgente olhar para a multidimensionalidade e complexidade da fome e do risco de fome no Brasil para que pensemos e construamos políticas alimentares e estratégias de superação da fome no campo e na cidade. ●

AGRAVANDO A DESIGUALDADE ALIMENTAR NO BRASIL

Durante a pandemia da COVID-19, o tema da fome no Brasil está “na boca do povo”. Ou melhor, não está: notícias sobre o aumento nos índices relacionados à fome e à insegurança alimentar e nutricional surgem a todo momento, além daquelas que afirmam o que boa parte da população experimenta cotidianamente: o aumento de preços dos alimentos e, paralelamente, da pobreza. No entanto, esse processo já vinha se desenhando desde antes da instauração da pandemia.

No ano de 2021, dados apontaram para o fato de que o número de pessoas que estavam morrendo de fome no mundo, durante a pandemia, vinha ultrapassando o das vítimas da COVID-19. Tal situação é reafirmada pelo estudo coordenado pela ONU e intitulado “O Estado da Segurança Alimentar e Nutricional no Mundo”, o qual avalia que, no ano de 2020, a fome mundial agravou-se drasticamente, indicando que o Objetivo de Desenvolvimento Sustentável 2 (Fome Zero até 2030) não será alcançado.

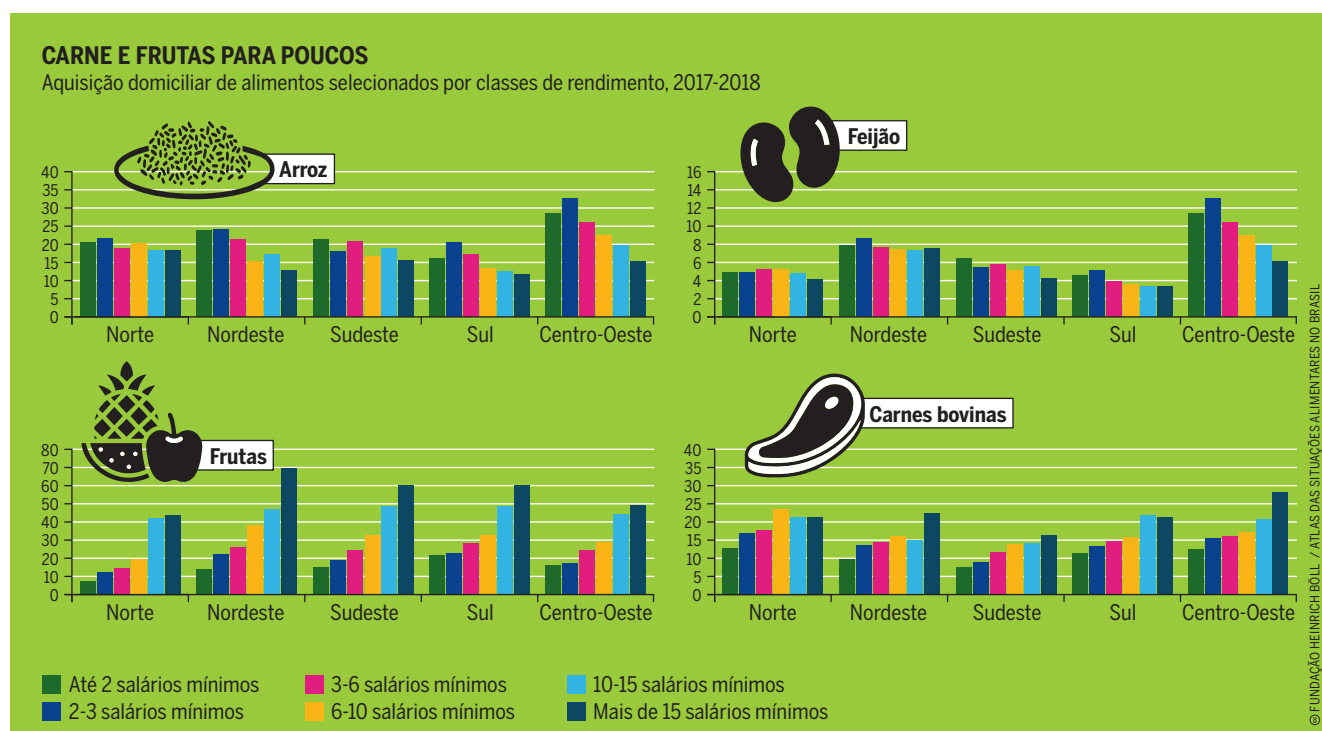
No Brasil, a situação é preocupante: a Rede Brasileira de Pesquisa em Soberania e Segurança Alimentar e Nutricional (Rede Penssan) aponta que os índices de fome retornaram a patamares dos anos 90 e a fome é, novamente,

um problema estrutural no país. Ao final de 2020, quando atravessávamos quase 1 ano de pandemia, mais da metade da população brasileira enfrentava algum nível de insegurança alimentar e nutricional. Atualmente, a insegurança alimentar grave atinge 15,5% da população – o que corresponde a cerca de 33 milhões de pessoas que experimentam, efetivamente, a fome.

A pandemia transformou muitos hábitos e, dentre eles, os alimentares. No caso dos brasileiros, essa mudança apresenta duplo aspecto. De um lado, os mais ricos, moradores dos grandes centros urbanos, adquiriram hábitos mais saudáveis – houve aumento do consumo de itens in natura e frescos, além da consolidação de uma tendência de alta no consumo de alimentos orgânicos. Em relação a 2019, o ano de 2020 apresentou um crescimento de, aproximadamente, 30% desse setor no país. Mas há um outro lado da moeda. Nas regiões mais pobres e entre os menos escolarizados, aumentou o consumo de ultraprocessados e, além disso, subprodutos alimentícios, como fragmentos de arroz e ossos de boi, passaram a fazer parte do menu principal de muitos brasileiros.

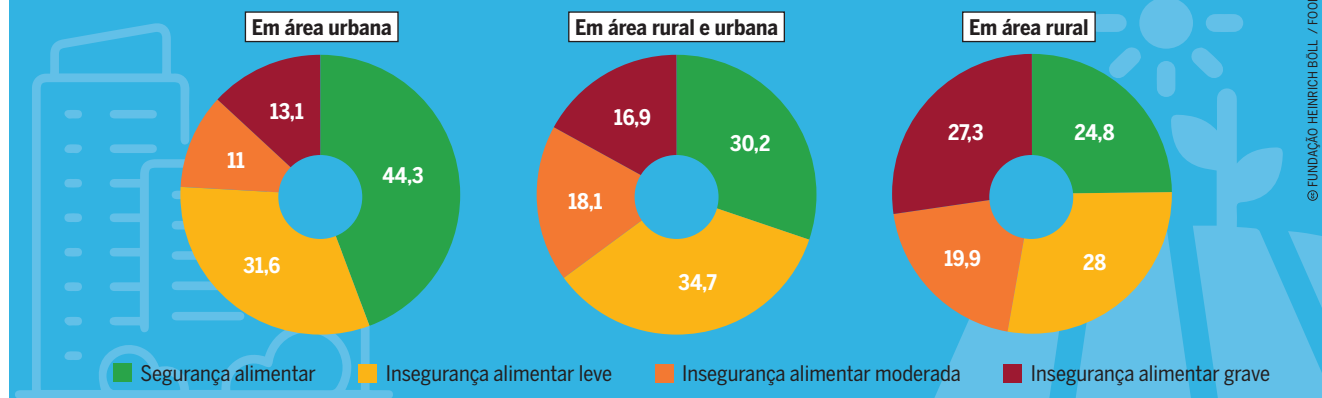
Esse cenário, agravado pelo contexto trazido à esteira do novo coronavírus, é, por conta deste mesmo contexto, ainda mais crítico. A Federação Latino-Americana de Obe-

Arroz e feijão são uma importante base da alimentação da população mais pobre no Brasil, que tem menos acesso a frutas ou à carne bovina, por exemplo



MAIS INSEGURANÇA ALIMENTAR NO CAMPO

Proporção da situação de segurança alimentar nos domicílios entrevistados, conforme a situação territorial (rural ou urbano), 2020



sidade (FLASO), ao analisar a conjuntura latino-americana concluiu que a má alimentação, sobretudo pelo excessivo consumo de ultraprocessados, nos coloca sob duas pandemias – a do novo coronavírus e a da obesidade. Importante, portanto, traçar políticas para encarar as consequências do aumento dos ultraprocessados na alimentação cotidiana da população – como bem lembra o Guia Alimentar para a população brasileira, deve-se evitar o consumo desses produtos. Para isso, porém, é necessário maior regulamentação da sua produção, comercialização e divulgação.

Não é somente no campo da alimentação que nos vemos frente a uma conjuntura desafiadora. A desigualdade social no país – de forma geral – aumentou de maneira significativa durante a pandemia: os mais ricos tornaram-se ainda mais ricos ao passo em que a pobreza no país ampliou-se. Surgiram novos (e poucos) bilionários ao mesmo tempo em que tantas pessoas se viram próximas à miséria. Esse processo foi acelerado pela pandemia, mas já estava em curso: não só no Brasil, mas no mundo, a desigualdade vem ampliando o abismo entre os extremos da pirâmide social. Assim, refletir sobre os sistemas alimentares na contemporaneidade exige pensar e enfrentar, em conjunto, os sistemas de concentração de riqueza e poder que estruturam nossa sociedade.

Cabe destacar que além da desigualdade, durante a pandemia cresceu também o número de agrotóxicos liberados no país. O ano (pandêmico) de 2021 alcançou recorde no número de agrotóxicos registrados no Brasil. Esse número vem crescendo desde 2016 e, somente em 2021, foram liberados 562 pesticidas, 14% mais do que em 2020. Com um forte discurso associado à recuperação econômica, aumentando os já alarmantes índices de alimentos produzidos industrialmente e com uso desses químicos, o agronegócio vem ampliando sua força – e a degradação dos ecossistemas.

Assim, não se pode aferir à pandemia a culpa isolada dos altos níveis de insegurança alimentar e fome no país. Como dito, esse processo vem se desenhando desde antes de se detectar a presença do vírus pela primeira vez, quando já colecionávamos uma série de desmontes de políticas e iniciativas voltadas para a garantia da segurança alimentar e da busca por uma alimentação saudável para o povo brasileiro.

Essa coleção de retrocessos inclui, por exemplo, o abandono da Política Nacional de Agroecologia e Produção

Durante o ano de 2020, de acordo com os entrevistados em pesquisa de opinião pública sobre os efeitos da pandemia na alimentação no Brasil, os domicílios em área rural ficaram expostos a uma maior insegurança alimentar que aqueles em área urbana

Orgânica (PNAPO), já prestigiada com o Prêmio Prata no Future Policy Award (FPA) em 2018 pelo seu desempenho enquanto política de promoção da agroecologia. Desenvolvida a partir de um amplo diálogo com a sociedade civil, foi decisiva para que, por exemplo, mais de cinco mil municípios do Brasil investissem 30% ou mais de seus orçamentos para alimentação escolar em produtos orgânicos e agroecológicos, obtidos junto à agricultura familiar. Atualmente, a PNAPO segue enfraquecida, sobretudo em âmbito federal, ao passo em que o chamado “Pacote do Veneno”, conjunto de leis para flexibilização em relação ao uso de agrotóxicos no país, cada vez avança mais.

Ainda assim, movimentos ligados à agroecologia e aos povos tradicionais seguem lutando para redução do problema da fome, para o fortalecimento de grupos que produzem alimentos saudáveis e que combatem a narrativa do agronegócio como via única para produção de alimentos (e de riqueza). Em 2021, por exemplo, o campo popular se articulou em prol da aprovação do Projeto de Lei 823/2021, que buscava a instalação de medidas emergenciais de amparo à agricultura familiar, para mitigar os impactos socioeconômicos da Covid-19. A luta pela instituição da Política Nacional de Redução de Agrotóxicos (PNaRA) também segue mobilizando diferentes atores da sociedade civil e movimentos sociais ligados aos povos do campo e das florestas.

Esse contexto aponta para a necessidade de se fortalecer a produção e o consumo de produtos de base agroecológica, socialmente justa, feminista, levando em consideração a potencialidade da agricultura familiar como pilar dos sistemas alimentares. Ignorar esse caminho significa expandir o abismo que distancia cada vez mais alguns que têm acesso à alimentação saudável, fresca e orgânica e outros que não podem garantir sequer se farão todas as refeições de um dia. Se a pandemia acentuou as desigualdades sociais no país, não se pode desconsiderar o papel dos sistemas alimentares vigentes como um dos pilares da promoção dessa injustiça socioambiental. ●

AUTORES, FONTES DOS DADOS E GRÁFICOS

6-7

CRISE

POR UM FUTURO SEM FOME

Adaptado da versão original.

p. 6: www.fao.org/3/cb4474en/cb4474en.pdf, p. 22

p. 7: www.fao.org/3/cb4474en/cb4474en.pdf, p. 12

8-9

GUERRA

CONFLITOS ALIMENTAM A FOME, A FOME ALIMENTA CONFLITOS

Adaptado da versão original.

p. 8: <https://reliefweb.int/sites/reliefweb.int/files/resources/GRFC%202021%20050521%20med.pdf>, p. 252, www.fao.org/faostat/en/#data/FS, Abfrage Jemen, Zahl der Unterernährten

p. 9: https://docs.wfp.org/api/documents/WFP-0000125170/download/?_ga=2.83818706.571675159.1625845483-622318131.1610459162, S. 5

10-11

DESNUTRIÇÃO

PASSANDO FOME E CONSUMINDO MUITOS ULTRAPROCESSADOS

Adaptado da versão original.

p. 10: <https://de.statista.com/statistik/daten/studie/1195334/umfrage/kosten-fuer-gesunde-ernaehrung-weltweit-pro-kopf>

p. 11 superior: <https://globalnutritionreport.org/reports/2020-global-nutrition-report>, p. 40

p. 11 inferior: www.packagingstrategies.com/articles/95613-top-100-food-and-beverage-packaging-companies

12-13

PODER

COMÉRCIO DE ALIMENTOS, UM GRANDE NEGÓCIO

Adaptado da versão original.

S. 12: Baker P, Machado P, Santos T, et al.: Ultra-processed foods and the nutrition transition: Global, regional and national trends, food systems transformations and political economy drivers. Obesity Reviews. 2020; 1-22. <https://doi.org/10.1111/obr.13126>

p. 13: <https://landmatrix.org/list/deals>

14-15

POBREZA

TRABALHO, POBREZA E FOME: EXPRESSÕES DA DESIGUALDADE NO BRASIL

Por José Raimundo Sousa Ribeiro Junior.

p. 14 e 15: Atlas das situações alimentares no Brasil: a disponibilidade domiciliar de alimentos e a fome no Brasil contemporâneo, José Raimundo Sousa Ribeiro Junior, Mateus de Almeida Prado Sampaio, Daniel Henrique Bandoni, Luiza Lima Silva De Carli, Bragança Paulista: Universidade de São Francisco, 2021, ISBN 978-65-88963-04-3, Disponível em: <<https://mst.org.br/download/atlas-das-situacoesalimentares-no-brasil-a-disponibilidade-domiciliar-de-alimentos-e-a-fome-no-brasil-contemporaneo/>>

16-17

DESIGUALDADES

NO BRASIL, A FOME TEM COMO, GÊNERO E ENDEREÇO

Por Emilia Jomalinis.

p. 16 e 17: II VIGISAN: <https://olheparaafome.com.br/> <https://censoagro2017.ibge.gov.br/> https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv101681_informativo.pdf

18-19

PANDEMIA

AGRAVANDO A DESIGUALDADE ALIMENTAR NO BRASIL

Por Joana Simoni.

p. 18: Atlas das situações alimentares no Brasil: a disponibilidade domiciliar de alimentos e a fome no Brasil contemporâneo, José Raimundo Sousa Ribeiro Junior, Mateus de Almeida Prado Sampaio, Daniel Henrique Bandoni, Luiza Lima Silva De Carli, Bragança Paulista: Universidade de São Francisco, 2021, ISBN 978-65-88963-04-3, Disponível em: <<https://mst.org.br/download/atlas-das-situacoesalimentares-no-brasil-a-disponibilidade-domiciliar-de-alimentos-e-a-fome-no-brasil-contemporaneo/>>

p. 19: Galindo, Eryka; Marco Antonio Teixeira, Melissa De Araújo, Renata Motta, Milene Pessoa, Larissa Mendes e Lúcio Rennó. 2021. "Efeitos da pandemia na alimentação e na situação da segurança alimentar no Brasil." Food for Justice Working Paper Series, no. 4. Berlin: Food for Justice: Power, Politics, and Food Inequalities in a Bioeconomy. DOI 10.17169/refubium-29554. Disponível em: <https://www.epsjv.fiocruz.br/sites/default/files/files/relatorio%20pesquisa%20Berlim%20UFMG.pdf>

FUNDAÇÃO HEINRICH BÖLL

Promover a democracia e defender os direitos humanos; atuar em defesa da justiça socioambiental; promover a igualdade entre mulheres e homens; garantir a paz por meio da prevenção de conflitos em zonas de crise e defender a liberdade dos indivíduos – estes são os objetivos que impulsionam as ideias e ações da Fundação Heinrich Böll, uma fundação política alemã, sem fins lucrativos.

Embora a Fundação mantenha laços estreitos com o Partido Verde Alemão, ela trabalha de forma independente e nutre um espírito de abertura intelectual. Integramos uma rede internacional que abrange mais de 160 projetos parceiros em aproximadamente 60 países. No Brasil cooperamos com projetos de diversas organizações da

sociedade civil que promovem os valores que defendemos. Além de projetos nos campos da segurança pública, gênero, ecologia, entre outros, promovemos debates e produzimos publicações disponíveis em nosso site para download gratuito e na íntegra.

É com prazer que seguimos o conselho de Heinrich Böll de que envolver-se é a única forma de enfrentar a realidade. Queremos inspirar outras pessoas a fazerem o mesmo.

Fundação Heinrich Böll

Rua da Glória, 190, 7º andar, Glória, Rio de Janeiro, RJ
<http://br.boell.org>

CONTINUE LENDO: PEÇA GRATUITAMENTE OU BAIXE A PUBLICAÇÃO



ATLAS DOS INSETOS 2021
Fatos e dados sobre as espécies
mais numerosas da Terra

<https://br.boell.org/pt-br/atlas-dos-insetos>



ATLAS DO PLÁSTICO 2020
Fatos e números sobre o mundo dos
polímeros sintéticos

<https://br.boell.org/pt-br/2020/11/29/atlas-do-plastico>



**EXPANSÃO DAS MILÍCIAS
NO RIO DE JANEIRO**
Uso da força estatal, mercado
imobiliário e grupos armados

<https://br.boell.org/pt-br/2021/04/20/expansao-das-milicias-no-rio-de-janeiro>

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Poder, pobreza, fome: fatos do sistema alimentar. Joana Simoni, organizadora.
– Rio de Janeiro : Fundação Heinrich Böll, 2022.
22 p. : il., color.

ISBN: 978-65-87665-04-7.

1. Fome. 2. Desnutrição. 3. Pobreza. 4. Injustiça. I. Simoni, Joana, org.
II. Título.

CDD 363.8

Desde 2017, a desnutrição vem aumentando.
Em 2020, 768 milhões de pessoas sofreram de fome –
quase 10 % da população mundial.

De: **CRISES. POR UM FUTURO SEM FOME**, página 6

Pessoas deslocadas e refugiadas estão entre as populações mais vulneráveis do mundo;
frequentemente sofrem com insegurança alimentar e subnutrição.

De: **GUERRA. CONFLITOS ALIMENTAM A FOME, A FOME ALIMENTA O CONFLITO**, página 9

Ao final de 2020, quando atravessávamos quase 1 ano de pandemia,
mais da metade da população brasileira enfrentava algum nível de
insegurança alimentar e nutricional.

De: **PANDEMIA. AGRAVANDO A DESIGUALDADE ALIMENTAR NO BRASIL**, página 18